



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU – CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DL
CURSO DE LETRAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

ERILENÍ CARDOSO DE ALENCAR

CONCEPÇÕES DE PROFESSORES ACERCA DO PROCESSO DE FORMAÇÃO
DO LEITOR

PATU
2017

ERILENÍ CARDOSO DE ALENCAR

**CONCEPÇÕES DE PROFESSORES ACERCA DO PROCESSO DE FORMAÇÃO
DO LEITOR**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN - como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Kadygyda Lamara de França Leite.

**PATU
2017**

ERILENÍ CARDOSO DE ALENCAR

**CONCEPÇÕES DE PROFESSORES ACERCA DO PROCESSO DE FORMAÇÃO
DO LEITOR**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN - como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Ma. Kadygyda Lamara de França Leite

Aprovado em ____/____/____.

Banca Examinadora

Prof^a. Ma. Kadygyda Lamara de França Leite
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Prof^a Ma. Maria do Socorro dos Santos
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Prof^a Ma. Maria Gorete Paulo Torres
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

PATU
2017

Dedico à minha querida e amada filha, minha razão de lutar a cada dia por um futuro melhor. Ao meu amado esposo, a toda minha família por entender os momentos em que tive que me ausentar para dar seguimento a minha vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente, por ser minha inspiração maior, meu eterno protetor e por me condicionar a oportunidade de galgar mais uma vitória em minha vida.

A toda minha família, em especial aos meus pais, **LENI DANTAS DE ALENCAR CARDOSO** e **FRANCISCO CARDOS DE ASSIS**, por não terem negado esforços para que eu pudesse adquirir conhecimentos no âmbito escolar e na vida. Aos meus avós **JOÃO CARDOSO FILHO** e **RITA ASSIS DANTAS**. Meus irmãos **ERISMAR CARDOSO DE ALENCAR** e **ERINALDO CARDOSO DE ALENCAR**

Ao meu amado esposo que sempre me apoiou nessa caminhada e sempre se fez presente e pronto para me ajudar.

A minha dedicada orientadora, Prof^a. **KADYGYDA LAMARA DE FRANÇA LEITE**.

A todos os professores que participaram da minha formação da Educação Infantil ao Ensino Superior.

Os meus, mais sinceros agradecimentos!

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”.

MARTHIN LUTHER KING

RESUMO

Não se pode negar que nos dias atuais, a tecnologia, exageradamente, ganhou espaço na vida de todos e, por esse motivo, o gosto pela leitura deixou de ser visto como algo fundamental para a formação humana. Diante desse fato, esta pesquisa surgiu com o propósito de conhecer algumas concepções encontradas no processo de formação do leitor nas séries finais do ensino fundamental. Para formulação de nosso estudo consideramos interessante fazermos uma pesquisa bibliográfica descritiva, embasada nas concepções teóricas de Freire (1989), Koch e Elias (2014), Kato (1999), Geraldi (2012), Kleiman (2006) entre outros. A pesquisa contou ainda com a aplicação de um questionário, composto por sete questões, a dois professores de Língua Portuguesa de duas escolas no interior do estado do Rio Grande do Norte. A partir da coleta e análise dos dados, pudemos detectar o seguinte: na visão dos professores colaboradores, para ocorrer a formação do leitor, é imprescindível que esses tenham um repertório de leitura, vindo a ser exemplo e motivação para seu alunado.

Palavras-Chave: Desafios. Formação do leitor. Concepções.

ABSTRACT

It cannot be denied in the present day, in the technology, too much, won space in everyone's life, and for this reason the taste for reading is no longer seen as something fundamental to the human formation. To affirm our premise was born the desire to meet the challenges encountered in the process of formation of the reader. We aim to meet some conceptions about the process of formation of the reader, as well as have knowledge of some challenges faced by teachers of Portuguese Language in an attempt to bring out the taste for reading. For the formulation of our study we consider it interesting to do a descriptive bibliographical research and embasarmo the theoretical conceptions of Freire (1989), Koch and Elias (2014), Kato (1999), Geraldi (2012), Kleiman (2006). We validate the application of a questionnaire consists of seven questions so we can get the necessary information about such as the practices of classroom readings which were promptly answered po.

Keywords: Challenges. Formation of the reader. Conceptions.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CONCEITUAÇÃO HISTÓRICA DA ORIGEM DA LEITURA: CONSIDERAÇÕES MAIS RELEVANTES	13
2. CONCEPÇÕES ACERCA DA AQUISIÇÃO DA LEITURA.....	15
3. O PROFESSOR FORMADOR DO LEITOR.....	18
4. O LETRAMENTO E A LITERATURA NA ESCOLA.....	20
5. A LEITURA EM SALA DE AULA: PARADIDÁTICO COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA.....	22
6. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	25
6.1 TIPO DE PESQUISA.....	25
6.2 DA CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	25
6.3 DOS PROCEDIMENTOS EMPREGADOS NA PESQUISA	26
6.4 DOS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	26
7. ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES COLABORADORES	27
7.1 Considerações acerca dos desafios em sala de aula	27
7.2 Considerações sobre o conceito de literatura.....	28
7.3 Da avaliação do repertório de leitura dos alunos.....	29
7.4 Da concepção de aquisição de leitura e do letramento	30
7.5 Do trabalho com leitura em sala de aula	31
7.6 Do paralelo entre a leitura e a escrita.....	32
7.7 Das estratégias do professor na formação do leitor.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS.....	37
ANEXOS	40

INTRODUÇÃO

O processo de formação do leitor atualmente é demarcado como um desafio. Fazer com que os educandos em fase adolescente sintam-se atraídos pelo mundo dos livros pode ser uma tarefa complexa, passível de muito esforço e reflexão metodológica por parte dos professores de Língua Portuguesa devido a vários fatores, mas em especial ao avanço das tecnologias. Para Rabe e Lima (2016, p. 5) “o professor precisa adotar uma nova postura diante dessa nova tecnologia”. Desse modo, há a necessidade de trabalharmos, auxiliando nossos educandos nesse meio digital, direcionando-os para os diversos textos existentes nessa esfera digital na tentativa de desenvolver o gosto pela leitura.

Como educadores, temos de buscar estratégias que promovam esse desenvolvimento em nossos alunos, precisando compreender que a literatura tem muito a oferecer-lhes. Nesse sentido, devemos trabalhar com o objetivo de aflorar em nossos educandos a ideia de que a linguagem é algo essencial para a interação social e leituras do mundo. Segundo Freire (1989, p. 9):

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado - e até gostosamente - a "reler" momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo.

Desse modo, a efetuação das práticas de leitura precisa ser vista como algo de fundamental magnitude para o processo de formação do sujeito. Desde muito pequenos, os indivíduos precisam manter-se em contato com os livros para que se haja uma concepção positiva que favoreça a leitura literária e, conseqüentemente, a linguagem.

Acerca da importância da linguagem, Kleiman (2006, p. 25) enfatiza que:

Nossas atividades são realizadas no mundo social, em situações concretas, e é através da linguagem, nas suas diferentes modalidades, que realizamos muitas das ações que nos interessam. São situações sociais, com objetivos sociais e com modos sociais de interação, as que determinam, em grande medida, os tipos de atividades que podem ser realizadas, que tipo de

contextos podem ser construídos pelos participantes, quais são as interações possíveis.

Podemos compreender o processo de formação do leitor como um acontecimento intermediado por vários agentes influenciadores, que vão desde o professor formador como leitor em potencial, até a família. A leitura como atividade contínua em sala de aula possibilita além da descoberta do mundo, a capacidade de interação social.

É preciso considerar que como professores, temos que refletir um pouco mais em sermos sujeitos ativos na literatura apontando, comentando e apresentando obras de forma a sugerir que o aluno também possa ingressar nesse mundo com prazer, sem ser obrigado a ler.

É relevante destacar que o nosso próprio caminhar como leitores e pessoas que “ensinam a ler” vai além de compartilhar títulos, ler junto e refletir sobre o lido. É isso e muito mais. Quando nos assumimos leitores, observamos que, muitas vezes, assumimos também uma postura diante das descobertas sobre a vida e as coisas do mundo, pois a leitura pode despertar em nós o desejo de desvendar aquilo que nos inquieta e nos atrai de algum modo. Por essa razão, conversar sobre a relação que temos com a leitura e a literatura torna-se fundamental no processo de troca e intercâmbio de experiências. Afinal, quando falamos informalmente com os alunos sobre os livros de que gostamos, compartilhamos as nossas idas à livraria e socializamos o que sentimos durante a leitura de determinado título, colocamo-nos numa atmosfera de troca extremamente favorável à ideia de que “viver a literatura” é também criar uma autoimagem leitora. (PASSOS, 2013)

Ao apresentar e/ou comentar sobre determinado livro faz com que algum aluno se envolva nesse processo e, conseqüentemente, um ou outro irá procurar para comprovar aquela fala encontrada em sala de aula pelo professor.

Entretanto, não podemos negar que muitas são as questões que interferem na aquisição da leitura por parte dos alunos, é recorrente ouvirmos que esse meninos não gostam de ler, não sabem se expressar e nós, como professores, devemos refletir sobre essas questões e buscarmos ajuda na literatura para entendermos esse processo, a fim de tentar amenizar esse quadro.

Partindo dessa problemática, o nosso objeto de estudo consistiu em conhecer algumas concepções encontradas no processo de formação do leitor. Para isso, foi necessário aplicar um questionário, composto por sete questões, a dois professores de séries finais do ensino fundamental, atuantes da disciplina de Língua Portuguesa, de duas escolas no interior do estado do Rio Grande do Norte.

A pesquisa foi descritiva, visando levantar proposições, concepções, percepções, atitudes e expectativas do educador colaborador acerca da relevância da leitura em sala de aula e qualitativa, pois segundo Bell (2004, p. 19-20), os “investigadores quantitativos recolhem os factos e estudam a relação entre eles”.

O estudo contou com um referencial teórico pautados em Freire (1989), Koch e Elias (2014), Kato (1999), Geraldi (2012), Kleiman (2006) e entre outros. Acreditamos que esse trabalho monográfico trará reflexões importantes para o ensino de leitura, tendo em vista as concepções apresentadas pelos professores desse nível de escolaridade.

Este trabalho monográfico está estruturado estrutura-se por meio de três capítulos fundamentais. O primeiro, traz uma breve consideração a respeito da origem da leitura, algumas considerações sobre a aquisição da leitura, sobre as práticas de leitura e a literatura escolar, letramento, leitura literária e ainda algumas percepções acerca da relevância do livro didático na formação do leitor.

O segundo capítulo apresenta os aspectos metodológicos utilizados no desenvolvimento investigativo de nosso objeto de estudo, conceituando o tipo de pesquisa descritiva, a investigação qualitativa, procedimentos de coletas de dados e constituição do *corpus*.

O terceiro capítulo trata-se da análise dos dados, apresentando as respostas às concepções sobre o nosso objetivo.

Esperamos que o mesmo contribua para novos conhecimentos e proposições de educadores formadores de leitores que buscam ferramentas para essa formação leitora, redirecionando a um novo olhar.

1. CONCEITUAÇÃO HISTÓRICA DA ORIGEM DA LEITURA: CONSIDERAÇÕES MAIS RELEVANTES

A medida que é colocada em pauta a questão da aquisição da leitura, em termos de definição e conceituação, indagações surgem. É sabido que o ato de ler tornou-se imprescindível para o ser humano. Mas em qual momento histórico se deu início à aquisição da leitura? Em que momento o homem sentiu a necessidade de decifrar códigos e obter informações sobre o mundo e sobre a vida? Consideramos importante traçarmos uma breve conceituação histórica, com os aspectos mais significativos acerca da aquisição e surgimento da leitura.

Como tudo na vida, as práticas de leitura também têm sua história que começa a partir de seu surgimento na sociedade.

Inicialmente, as anotações eram feitas em tabuletas de argila, mais tarde em papiros, depois em pergaminhos, papéis de baixo custo, mas perecíveis, onde o escriba documentava a informação oral recebida, seja do poeta, seja do administrador que desejava contabilizar seus ganhos e propriedades. Este trabalho individual, especializado e de difícil circulação, prolongou-se até o século XV da era cristã, quando a invenção dos tipos móveis e da impressão mecânica propiciou, pela primeira vez, a produção em escala industrial de textos impressos (MAGALHÃES; SILVA, 2007, *apud* FELTRIN, 2010 p.12).

As autoras nos mostram a evolução dos instrumentos que viabilizaram a informação/leitura, desde as tábuas de argila até a produção de textos impressos, aspectos da história fundamentais para a formulação deste estudo.

A leitura foi atrelada ao capitalismo durante muito tempo na sociedade, sendo confirmada por Zilberman (*apud* MAGALHÃES e SILVA, 2007, p.13) ao elucidar que: “a história da leitura faz parte da história da sociedade capitalista, onde a política, para valorizar a leitura como ideia, precisa estar vinculada ao fator econômico”.

Para Carina Kilian e Rosane Maria Cardoso (2012), o berço das práticas de leitura é a Babilônia, é o que explicitam na citação a seguir:

Segundo relatos históricos e arqueológicos, foi na Babilônia onde tudo começou. Hoje, dessa cidade só restam ruínas na região Mesopotâmica do Egito. Seu povo foi o precursor de muitos avanços da civilização como, por exemplo, agricultura, arquitetura, comércio, astronomia, direito, escrita. Nesse local, surgiram as primeiras inscrições do que viria a consumir o nascimento de uma prática revolucionária - a leitura (KILIAN; CARDOSO, 2012, p. 2).

Kilian e Cardoso (2012) colocam em seu texto a leitura como uma prática revolucionária e podemos concordar que, após o nascimento da leitura, a comunicação tornou-se muito mais fácil e significativa. Os escritos se propagaram caracterizando a época e assim ficávamos a conhecer a cultura, estilo, concepções de sujeitos e autores de determinado tempo. Em contrapartida, existiam textos de circulação imprópria tendo sua circulação de forma inadequada.

A leitura teve diferentes contornos quando do seu surgimento na França. Desde a leitura oralizada até a impressa, sua prática era tão intensa que alguns livros, por serem “contrários aos bons costumes”, eram barrados pela fiscalização do reino, mas circulavam entre a população como objetos clandestinos (KILIAN; CARDOSO, 2012, p. 3).

A questão da clandestinidade deu-se pelo fato de muitos dos livros impressos trazerem em seu corpo ideologias que se apresentavam em desconformidade com o que se era moralmente aceito no século XVIII. A questão da historicidade da leitura é passível de ser aprofundada. Temos ciência que apresentamos aqui apenas algumas referências acerca do surgimento das práticas de leitura e que muito mais há a investigar sobre essa temática.

2. CONCEPÇÕES ACERCA DA AQUISIÇÃO DA LEITURA

A prática de leitura tornou-se uma atividade permanente da humanidade, uma habilidade a ser aprendida desde cedo. Iniciamos a leitura desde o nascimento, na etapa do desenvolvimento em que transcorremos a ler o mundo, quando aprendemos a decodificar os sinais fônicos emitidos por todos em nosso entorno.

A aquisição da leitura ocorre em passos e/ou fases que levam em consideração a interação do indivíduo com o objeto a ser descoberto/aprendido. E como educadores temos que levar em consideração cada etapa desse processo de decodificação.

O reconhecimento de palavras se dá como o reconhecimento de outro objeto qualquer (carro, árvore, criança) e, da mesma forma que identificamos um objeto através de sua configuração geral, podemos reconhecer uma palavra através do todo (seu contorno, extensão, etc.) sem uma análise de suas partes. Da mesma forma, porém que podemos identificar uma árvore enxergando apenas uma parte de sua copa, a palavra pode ser reconhecida ou adivinhada sem que enxerguemos a sua totalidade. A leitura de uma palavra por um leitor competente é feita, pois, de maneira ideográfica (SMITH, 1973 *apud* KATO, 1999, p. 33-34).

De acordo com o exposto, a aquisição da leitura de uma palavra ocorre da mesma maneira que passamos a identificar tudo em nosso meio, nosso entorno. Essencialmente, a aquisição da leitura começa quando as crianças reconhecem seus pais, sua família, passando a interagir e estabelecer uma comunicação, em seguida passa a reconhecer os signos gráficos e estabelecer relações entre letras e sons. Também a respeito da aquisição da leitura em seu processo inicial, Silva (2014, p. 23) afirma que:

Desde nosso nascimento, aprendemos a interpretar gestos, palavras e imagens e esses ativos são potencializados pelas escolas por intermédio da leitura e da escrita, que nos oportuniza grande parte da cultura humaletrada. A criança por meio desse processo, ergue hipóteses, percebe a cópula entre as coisas, a ligação entre os nomes e os objetos, de um rótulo com o produto. É a partir daí que a criança começa a estabelecer relação entre o objeto e a sua significação escrita.

A leitura atrelada à escrita são peças chave da aquisição do conhecimento em todas as áreas do âmbito escolar e social. Quando o indivíduo ingressa no âmbito escolar, já vem dominando a oralidade e, a partir daí como professores formadores de leitores, devemos utilizar as práticas de leitura como uma constante em sala de

aula, pois assim tornaremos nossos alunos seres autônomos e participativos no mundo letrado.

Ao citarmos mundo letrado, damos referência ao letramento, que segundo (SOARES, 1998 p.72) “não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais, é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social”. Assim podemos enxergar a leitura e a escrita como duas práticas associadas e com um único objetivo, condicionar a significação ao indivíduo.

No âmbito escolar, as crianças a partir de seu ingresso devem ser mediadas na descoberta de conhecimentos inerentes do contato com a leitura de livros inicialmente feita pelo professor e, logo em seguida, feita por ela mesma ao passo que foi estimulada. De acordo com Soares (2010), a criança, em sua escolarização, desenvolva práticas de leitura e escrita até os 8 anos de idade, entretanto, é sabido que esse fato não deve ser generalizado, tendo em vista que cada ser apresenta algumas particularidades.

É inteiramente possível esperar que meninos e meninas, em sua escolarização até os 8 anos de idade, adquiram um domínio satisfatório, embora, evidentemente ainda não completo, do sistema ortográfico, e que, ao mesmo tempo, desenvolvam habilidades de leitura e escrita em situações pouco complexas, próprias da infância, tais como deixar um bilhete para a mãe, escrever um diário, registrar tarefas na agenda, contar e recontar histórias, entre outras (SOARES, 2010, p, 1).

Podemos considerar a partir da citação anterior, que se apropriar da leitura até os 8 anos, configura-se como sendo algo estritamente necessário, é enraizar na criança desde cedo a concepção de que a leitura é estritamente relevante para sua vida e de suma importância, cabendo ao professor dentre outras tarefas executar essa função.

Ensinar é uma tarefa complexa, é bem mais que transferir conhecimento. É preparar o educando para interagir em sociedade, formá-lo para vida. Dentro dessas conceituações e no processo que desencadeia a formação do indivíduo como sujeito autônomo e participativo em um contexto social, nós como educadores temos a tarefa desafiadora de fomentar o gosto e o interesse pelo ato de ler em nossos educandos.

Dentro do que se propõe a ensinar, temos o ato de ler que se baseia em descobrir o mundo, equiparar o imagético à realidade, a interpretar, captar

pensamentos através da leitura. Koch Ingedora (2014) traçam o conceito de leitura ao enfatizarem que:

A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo (KOCH, 2014, p. 11).

A partir da conceituação anterior, podemos considerar que há a necessidade de que o indivíduo queira mobilizar-se a conhecer o universo comunicativo, uma vez que o processo de leitura tem um ativo interativo que não se justifica apenas na decodificação da palavra escrita.

O ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou na linguagem escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançado por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989, p. 11-12).

Para Freire, ao se tomar contato com a leitura, o sujeito precisa trazer à tona um posicionamento crítico acerca do que se é expresso no texto, ou seja, compreender a relação entre o texto e o contexto. Assim podemos considerar que talvez parta daí a importância de se mediar às práticas de leitura em sala de aula.

Aflorar o gosto pela leitura não é uma tarefa fácil, mas como educadores não podemos nos deixar abater pelas dificuldades/desafios, devemos buscar refletir sobre nossa mediação, a fim de obter o êxito esperado a determinada fase da escolaridade, sobretudo no ato da leitura.

3. O PROFESSOR FORMADOR DO LEITOR

São muitos os sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem do aluno e, ao referenciar o professor, também são muitos os perfis destes na construção de uma formação leitora no discente.

Em oposição ao professor transmissor, cujo domínio de saberes de sua área de atuação era o bastante, o professor mediador busca prever situações que tornem as formas de aprendizagem desafiadoras e, ao mesmo tempo, coerentes aos conhecimentos prévios dos alunos.

Nessa perspectiva de ensino, a noção complementar de aprendizagem também tem suas marcas identitárias, com destaque para a de protagonismo. Na medida em que o aluno encontra oportunidade de manifestar o que sabe, de formular suas hipóteses acerca do que lhe é novo, de ser, enfim, parte interessada e ciente de seu processo de formação, ele pode ser, de fato, sujeito de suas próprias aprendizagens.

Diante de inúmeros desafios está o professor como “uma peça de um jogo”, não principal, mas mediadora do conhecimento, fundamental para intermediar uma nova proposta do ensino da literatura. Não podemos negar que mediante os desafios, e na busca por uma proposta melhor de ensino, para alcançar uma tão complexa clientela, se fazem necessárias à reciclagem e a qualificação constante do professor (COSTA, RICARDO e SILVA, 2017, p. 3).

É imprescindível que o professor esteja favorável aos novos desafios e, para isso, deve manter uma constante formação. Silva (2002) referencia esse profissional como tendo segurança para entrar em uma sala de aula e compartilhar de uma saber satisfatório para o que se está ministrando, dominando os conteúdos, a fim de os meninos sentirem segurança em sua fala, passando segurança para aquilo que se pretenda orientar.

Entretanto, são muitos os desafios a parte desse profissional. A trajetória para desempenhar sua função com professor não é fácil, além do mais questões políticas como: má formação, baixos salários, trabalhar em mais de um lugar são questões que dificultam um pouco esse processo de ensino aprendizagem, corroborando para que o mesmo não execute sua tarefa como satisfatória.

Muitos professores, a maioria recebe um salário que mal dar para sobreviver, conseqüentemente assumem mais um turno de trabalho para aumentar a renda financeira, ficam supercarregados e quase não tem tempo de ler. Sem

falar nas professoras que são mães, esposas, donas de casa e que vivem rodeadas de múltiplas tarefas, não desfrutam de tempo para ler, produzir, refletir ou colocar em prática o que leu. (COSTA, RICARDO e SILVA, 2017, p. 4).

São muitos os desafios ou condições dos professores em condicionar um bom ensino e procurar melhores estratégias e metodologias no ato de transmitir conteúdo e/ou formar leitores e, desse modo, a tendência real é a impossibilidade de haver uma mediação de qualidade no que tange as práticas de leitura em sala de aula.

A leitura é essencial para a formação humana, para a formação social, assim, as práticas em que se objetiva a formação de leitores devem ser vistas com muito mais zelo e objetivação por todos os professores, sermos reflexivos e passíveis de mudança de comportamento profissional conduzirá uma prática metodológica dinâmica e significativa.

Como desdobramento desse pressuposto para o ensino de leitura, interessa a ação mediadora do professor entre alunos e textos: uma ação que preveja conhecimentos podendo-os, a partir do contato com a leitura. Por isso, importa também que haja oportunidades para que o aluno possa está relacionando a outros gêneros, manifestando, a partir de seu enfrentamento com o texto, seus próprios valores e conhecimentos.

4. O LETRAMENTO E A LITERATURA NA ESCOLA

No momento histórico atual, quando se fala em leitura no âmbito escolar, é recorrente ouvirmos que “não ter leitura” implica não ser letrado. Muitos profissionais perpetuam essa ideia e repassam conceitos contrários ao que realmente a literatura traz, não conseguindo distinguir a conceituação e/ou definição de letramento e o associam ao ato de alfabetização, a aquisição da leitura e da escrita.

Conhecemos as palavras letrado e iletrado: **letrado**: versado em letras, erudito **iletrado**: que não tem conhecimentos literários *uma pessoa letrada* = uma pessoa erudita, versada em letras (letras significando literatura, línguas) *uma pessoa iletrada* = uma pessoa que não tem conhecimentos literários, que não é erudita; analfabeta, ou quase analfabeta. O sentido que temos atribuído aos adjetivos letrado e iletrado não está relacionado com o sentido da palavra letramento. A palavra letramento ainda não está dicionarizada, porque foi introduzida muito recentemente na língua portuguesa, tanto que quase podemos datar com precisão sua entrada na nossa língua, identificar quando e onde essa palavra foi usada pela primeira vez (SOARES, 2011).

Ser letrado é bem mais que reconhecer os signos gráficos em papel, é apropriar-se da leitura e da escrita e perceber a função social de cada uma. O fato é que o letramento não deve ser visto como uma ferramenta sem participação nas práticas sociais, sendo utilizada somente quando é reivindicada, mas de maneira essencial. Deve ser considerado um conjunto de ações sociais que englobam o ato de ler e o de escrever, que confirma valores, contribui para o acultramento, traz questionamentos acerca do tradicional e do contemporâneo e possibilita o posicionamento do indivíduo em muitas outras questões contidas no contexto social.

Fundamentalmente, o letramento modifica o indivíduo, tornando-o socialmente e culturalmente diferente, podendo atuar em algumas esferas sociais. Para Street (2003 *apud* SOUZA; COSSON, 2007, p. 2), “falando de maneira mais elaborada, letramento designa as práticas sociais da escrita que envolvem a capacidade e os conhecimentos, os processos de interação e as relações de poder relativas ao uso da escrita em contextos e meios determinados”. Assim, podemos considerar o letrar um ato social, que condiciona o indivíduo a uma significação e expressividade no meio ao qual está inserido.

Na concepção de Soares (2006, p; 24), este nos diz que letramento é:

Uma variável contínua e não discreta ou dicotômica; refere-se a uma multiplicidade de habilidades de leitura e de escrita, que devem ser aplicadas a uma ampla variedade de materiais de leitura e escrita; compreende diferentes práticas que dependem da natureza, estrutura e aspirações de determinada sociedade.

Desse modo, podemos compreender que letramento representa a multiplicidade das práticas de leitura e escrita. Ser letrado é contextualizar o que é escrito e lido com a sua realidade, sendo capaz de se posicionar criticamente acerca do que é exposto no mundo dos livros. Há diferentes tipos de letramento, mas dentre os variados tipos um, em particular, muito fundamenta nosso estudo, o letramento literário. De acordo com Souza e Cosson (2007, p.102):

O letramento literário faz parte dessa expansão do uso do termo letramento, isto é, integra o plural dos letramentos, sendo um dos usos sociais da escrita. Todavia, ao contrário dos outros letramentos e do emprego mais largo da palavra para designar a construção de sentido em uma determinada área de atividade ou conhecimento, o letramento literário tem uma relação diferenciada com a escrita e, por consequência, é um tipo de letramento singular.

Concluimos que, neste caso, a questão do letramento está atrelada à literatura de maneira singular. O letramento literário é a investigação dos diversos sentidos do texto, permitindo ao sujeito contextualiza-lo com sua realidade social, sendo, ainda, a apropriação da literatura/linguagem.

5. A LEITURA EM SALA DE AULA: PARADIDÁTICO COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA

Aflorar o gosto pela leitura literária tem sido um desafio constante no contexto educacional. O aluno, muitas vezes, é “obrigado” a ler livros que foge de sua realidade e, conseqüentemente, não terá feição pelo que lhe é proposto, não irá despertar o imagético e nem estabelece como uma atividade de produção de sentido.

Muitas vezes aflorar o pensamento de que ler é algo prazeroso e de fundamental importância para a formação humana torna-se um desafio, mas que pode ser superado em sala de aula, quando os professores apresentam a leitura, comentam sobre a temática e relacionam ao contexto que estamos vivendo. Ao fazer isso, o aluno passará a ver uma ponte entre o texto lido e sua realidade e, porventura, passe a conhecer determinada obra.

Salientamos que o aluno não encontra no livro literário apenas o que está expresso pelo autor, ele faz atribuição de significados e avaliações a partir do que se foi lido. Alves (2011) nos diz que o aluno não vai ao texto somente para extrair conteúdos apresentados pelo autor, mas para tratar-se de leitor ativo, atribuindo significados ao que ler.

Dessa forma, o aluno estará reconstruindo significados e tornando-se crítico acerca do que foi atribuído no texto, cabendo então ao leitor se apropriar ou não do que foi descoberto através da leitura. Fundamentalmente tornar os alunos bons leitores é indiscutível, além do mais é um desafio a ser condicionado ao professor de literatura e principalmente quando este atua em salas de aula com alunos em uma faixa etária adolescente. Os alunos, nessa fase, tendem a gostar ou desgostar de modo muito peculiar. Os PCNs vem mostrar o que deve ser feito para que o aluno se torne bom leitor:

Para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura -, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisar torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a- aprender fazendo. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente (BRASIL, 1998, p.58).

Fica claro, através do exposto, que há a necessidade de que a escola atue como uma facilitadora da percepção de que ao ser bons leitores os sujeitos se tornarão mais emancipados e/ou capacitados socialmente. Não podemos negar que muitos professores de língua portuguesa fazem a utilização dos textos literários apenas como suporte para aquisição das regras e deixam de perceber que a literatura na escola tem muito mais a oferecer do que somente dar suporte para o ensino e a aprendizagem de outras questões linguísticas.

A literatura é uma aliada no desenvolvimento da criatividade e do imagético. Infelizmente, muitos professores não compreendem essa proposição e deixam de lado a essencial função da literatura na escola que é aflorar a vontade de descobrir o mundo ou os mundos expostos nos livros paradidáticos.

Como professores devemos incitar nossos alunos a lerem por fruição e, para isso, precisamos partilhar do mesmo repertório de leitura que nossos educandos. Por que não passarmos a conhecer o que nossos alunos gostam de ler? Por que não passar a fazer leituras de texto que façam parte da realidade de vida de nossos alunos? Assim, podemos trocar informações e visões de mundo. Segundo Martins (2006).

É preciso que a escola amplie mais suas atividades, visando a leitura da literatura como atividade lúdica de construção e reconstrução de sentidos. Contudo, parece-nos que o contexto escolar privilegia o ensino da literatura, no qual a leitura realizada pelos professores, inevitavelmente, é diferente daquela efetivada pelos alunos, pois a diversidade de repertórios, conhecimento de mundo, experiências de leitura influenciam diretamente o contato do leitor com o texto (MARTINS, 2006, p. 85).

Conhecer o universo de leitura de nossos alunos é uma ferramenta importante na formação do leitor, assim, faz-se necessário que a escola formule aulas com leituras condizentes com a realidade de seus alunos, instigando-os a gostar de ler.

Infelizmente ainda há uma proposição decaída de que em sala de aula deve-se trabalhar apenas textos cânones, muito embora este tipo de literatura seja estritamente relevante para a formação do indivíduo, devemos levar também textos que façam parte da realidade e expectativas de nossos educandos. Por que não levarmos *best sellers* para o âmbito escolar? Devemos considerar os livros contemporâneos como fortes aliados na formação do leitor. Vichessi e Krause (2015) fazem uma observação acerca da utilização de leituras que se contraponham aos cânones, ao explicitarem que:

Muitas escolas torcem o nariz para livros de sucesso como *O Hobbit*, *Harry Potter* e outras obras queridas pela garotada. Isso provoca uma cisão entre o que os alunos demonstram ter interesse e até mesmo leem em casa e o tipo de leitura cobrado pelos educadores. (VICHESSI; KRAUSE, 2015, p.10)

Assim podemos inferir que, ao utilizar os livros literários condizentemente com a realidade de nossos educandos, é necessário trazer à tona esses textos que estão sendo inseridos no universo dos alunos e, quando possível, relacionar aos clássicos da nossa literatura com o objetivo de propiciar outras leituras e promover a satisfação pela mesma. O papel do professor, como mediador da aprendizagem, é indispensável, uma vez que este está ali como mediador e facilitador dessa apresentação, despertando nos meninos o gosto e/ou prazer pela, pois de acordo com Martins (2013, p. 31):

É imprescindível que o professor reavalie suas leituras, a fim de também levar a produção de autores contemporâneos para a sala de aula, até com o objetivo de questionar o cânon literário. Além disso, é preciso considerar que várias obras, apesar de não terem grande representatividade no cânon, merecem ser lidas e estudadas pela riqueza temática e estética que representam.

Assim a percepção que o professor tem sobre a definição de leitura é refletida em seu ensino, o ato de reavaliar-se enquanto leitor é fundamental. Como educadores devemos nos aprofundar a tentativa de melhor compreender o ato de ler, para que nossa proposição de conhecimento seja significativa.

A atividade de leitura em livros paradidáticos oportuniza a formação de leitores no âmbito escolar, e além do mais torna a prática pedagógica voltada para o ensino e o incentivo da leitura eficaz e significativa. Inserir o livro paradidático como ferramenta mediadora da afloração do gosto de ler em crianças e adolescentes é algo essencialmente pertinente.

6. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

6.1 TIPO DE PESQUISA

Acerca do processo que se percorre para desenvolver uma significativa investigação, Ludke e Andre (1986, p.1) enfatizam que, “para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico a respeito dele”. Desse modo, configura-se relevante como pesquisadores buscar evidências que venham a contribuir para a formulação de novas concepções condizentes com a temática.

A pesquisa foi descritiva, visando levantar proposições, concepções, percepções, atitudes e expectativas do educador colaborador acerca da relevância da leitura em sala de aula, pois para Triviños (1987, p. 112) “os estudos descritivos podem ser criticados porque pode existir uma descrição exata dos fenômenos e dos fatos. Estes fogem da possibilidade de verificação através da observação”. Assim consideramos que descrever os dados encontrados em nossa investigação condicionará mais credibilidade ao nosso estudo.

Faz necessário estabelecer, que este estudo se refere a uma investigação qualitativa. Bell (2004, p. 19-20), os “investigadores quantitativos recolhem os factos e estudam a relação entre eles”. Desse modo, uma investigação qualitativa foca na realidade e percepções dos sujeitos, e um dos seus objetivos primordiais é entender e se deparar com significados por meio de narrativas verbalizadas que são possíveis de serem analisadas.

6.2 DA CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Para compor o corpus do trabalho, contatamos dois professores que se dispuseram a participar da pesquisa, através de documento que manteria total sigilo sobre sua identidade, estes são professores atuantes da disciplina de língua portuguesa das séries finais do ensino fundamental e pertencem a duas escolas distintas do interior do Rio Grande do Norte.

6.3 DOS PROCEDIMENTOS EMPREGADOS NA PESQUISA

O instrumento que serviu de investigação para nossa pesquisa foi constituído um questionários, este era composto por sete questões subjetivas. Sua escolha partiu do fato de parecer prático para a obtenção das informações pretendidas. As perguntas foram iguais para os dois professores e eram de fácil compreensão. Em sua elaboração, configurou-se indispensável optarmos por questões abertas que dessem condições de respostas livres e ao mesmo tempo objetivas.

6.4 DOS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Inicialmente, visitamos as escolas e apresentamos o objetivo do trabalho com o intuito de obter adesão a pesquisa por parte dos professores de língua portuguesa. Foi explicitado o objetivo da pesquisa, a importância de suas colaborações, bem como o sigilo de suas identidades e também das escolas. Após a explanação, os questionários foram aplicados e, em seguida, analisados cuidadosamente.

Os dados coletados por meio dos questionários objetivaram trazer as concepções, argumentações e interpretações dos colaboradores sobre a importância das práticas de leituras em sala de aula para a formação do aluno leitor.

7. ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES COLABORADORES

Os resultados das respostas dos professores de Língua Portuguesa serão apresentados nas subseções deste capítulo. Os itens de cada questionário foram organizados, considerando as especificidades das questões. Os professores colaboradores serão denominados aqui por professor P1 e P2 para preservar seu anonimato.

Cada inquirido respondeu as questões de forma espontânea. É interessante salientar que o que será exposto adiante é a proposição de cada colaborador referenciado nas respostas do questionário de pesquisa, ou seja, as amostras não fogem das reais concepções dos nossos colaboradores.

A primeira questão do questionário propunha investigar a formação dos docentes. Os resultados apontaram que ambos são formados em pedagogia e possuem atuação profissional nas Séries Finais do Ensino Fundamental como docentes de Língua Portuguesa há mais de 10 anos.

7.1 Considerações acerca dos desafios em sala de aula

Objetivando conhecer quais os desafios enfrentados pelos dois educadores, o primeiro questionamento foi o seguinte: Um dos desafios do professor de Língua Portuguesa é desenvolver o hábito pela leitura. Seus alunos gostam de ler? Se assinalou não, a que você atribui o fato de os alunos não gostarem de ler?

O professor P1, para essa indagação respondeu que seus alunos “não” gostam de ler e que a “falta de interesse em aprender que é comum na maioria” é o principal fator.

A partir da resposta do professor P1, poderíamos considerar a falta de interesse estaria condicionada a falta de motivação por parte do formador do leitor. Devemos considerar como educadores que a nossa atuação em sala de aula promove a vontade de aprender, de ler, de escrever em nossos alunos. A professora P2 respondeu:

Por incrível que pareça, com relação a prática de leitura, só vejo falta de entusiasmo nos alunos do 9º ano, mas não em todos, a maioria gosta de ler mangás e best seller's direcionados para o público juvenil, rejeição mesmo apenas para com a leitura de livros cânones. As demais turmas, sentem prazer em ler, claro que há aqueles mais desinteressados, mas mesmo assim

pelo menos em sala de aula, não se recusam a ler (Professora P2, atuante do 6º a 9º anos na rede particular, 09/2017).

Após o posicionamento da professora P2, podemos notar que o ato de ler é algo bastante aflorado e podemos perceber que há uma motivação para as práticas de leitura pela mesma. Em sala de aula, a nossa participação como incentivadores para a leitura é imprescindível quando a questão é formar bons leitores. Apresentar outras leituras que são condizentes com sua faixa etária são importantíssimas para desenvolver esse gosto nos meninos.

7.2 Considerações sobre o conceito de literatura

Perguntamos para os professores no questionamento de número dois: Para você o que é literatura?

O professor P1, afirmou que a literatura “é a arte da escrita”. E a professora P2: “é a expressão da linguagem empregada como uma arte, que promove a interação, desperta o imagético e condiciona o conhecimento”. Para Silvia Gomes (2012):

A Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social (GOMES, 2012, p.1).

Ambos os docentes apontaram a literatura como sendo uma arte, a professora P2 ainda foi ainda mais além, em sua conceituação ao afirmar que a literatura é a expressão da linguagem que condiciona a interação e o conhecimento. Concordamos com a proposição dos dois professores colaboradores e também com a fala de Gomes (2012) em que a literatura é uma arte que condiciona momentos de bastante relevância para nossa formação não só de leitores, mas como sujeitos em sociedade. Na literatura afloramos nosso imagético e o contextualizamos com a nossa realidade.

7.3 Da avaliação do repertório de leitura dos alunos

O terceiro questionamento foi: Qual seria sua avaliação acerca do repertório de leitura de seus alunos? Para o questionado acerca do repertório de leitura de seus alunos o professor P1 respondeu que:

O repertório de leitura dos meus alunos encontra-se muito abaixo do desejado; pois muitos sabem ler, mas não sabem compreender o que ler; e por isso nossa escola está desenvolvendo um projeto de intervenção para se superar essa dificuldade encontrada. (Professor P1, atuante do 6º a 9º anos na rede pública, 09/2017).

Podemos perceber a preocupação de P1 com a falta de leitura de seus alunos, quando o mesmo cita o projeto de intervenção com a finalidade de erradicar o problema enfrentado em suas turmas, mas temos que salientar que o papel do professor na composição desse repertório de leitura do aluno é imprescindível, há a necessidade de como educadores e formadores de leitores mediarmos esse contato com os livros, apresentar de forma a se interessar pelo mesmo. A outra pesquisada, para a mesma pergunta acerca do repertório de leitura de seus alunos, respondeu que:

O repertório de leitura de meus alunos no âmbito escolar encontra-se da seguinte maneira: a cada bimestre seleciono um livro paradidático para que seja feita a leitura em sala de aula, leitura compartilhada e/ou silenciosa, com socialização e contextualização do que se pode ser conhecido. No 6º ano em sala de aula lemos, no 1º bimestre Alice no País das Maravilhas, no 2º bimestre, fizemos a leitura do Pequeno Príncipe e atualmente no 3º bimestre deixei que eles escolhessem o que gostariam de ler, e escolheram o Diário de um Banana. No 7º ano, no 1º bimestre, foi selecionado o livro As Aventuras de Tom Sawyer, no 2º bimestre, o livro da vez foi escolhido por eles, Alice no País das Maravilhas e no momento atual no 3º bimestre estamos lendo o Diário de um Banana? A gota d'água. No 8º ano, lemos sucessivamente: O nariz de Luis Fernando Veríssimo e Cenas Brasileiras de Raquel de Queiroz e no 9º ano, O ateneu de Raul Pompeia e Poemas de Manoel Bandeira (Professora P2, atuante do 6º a 9º anos na rede particular, 09/2017).

Com base no que foi explicitado por P2, podemos perceber que a realidade das práticas de leitura nas salas de aula em que a mesma é docente, é bastante diferente da realidade apontada por P1. Seria assim impossível não fazermos uma comparação. O primeiro leciona em uma instituição pública e a segunda em uma instituição privada, e o nível de leitura de seus alunos são exponencialmente distantes.

O olhar acerca de seu fundamental papel como formador do leitor é percebido na resposta de P2, apresentar um livro a cada bimestre por mais que em nossa concepção não seja o ideal, é um passo de grande significância no processo de incentivação à leitura.

7.4 Da concepção de aquisição de leitura e do letramento

O quarto questionamento foi: Como você compreende o processo de aquisição de leitura? Qual a sua concepção sobre letramento?

O processo de aquisição de leitura se dá no momento em que há uma necessidade de se superar um grau inferior de letramento em nossa sociedade; que compreendemos que não é zero. O letramento é um processo de aquisição de leitura e escrita em que o aluno vai ser capaz de entender melhor o mundo ao seu redor e de certa maneira em uma sociedade não vai existir um grau de letramento zero, pois mesmo não sabendo ler e nem escrever; muitos por exemplo: sabem passar um troco; sabem que ônibus pegar; entendem certos tipos de placas etc. (Professor P1, atuante do 6º a 9º anos na rede pública. 09/2017)

De acordo com o professor P1, o processo de aquisição da leitura ocorre quando há a necessidade de se superar alguma inferioridade existente no nível de letramento do sujeito. Para esse educador, o letramento é o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, quando o sujeito consegue decifrar o mundo de uma melhor maneira.

Para essa mesma indagação a professora P2, evidenciou que:

O processo de aquisição da leitura oferece autonomia, consciência e vai muito além da união de letras, da decifração de imagens. Pode-se entender a leitura como um testemunho oral de nossas percepções e ações. No entanto, são poucas as escolas que priorizam a leitura, amplamente, ou seja, poucas são as instituições de ensino que oportunizam a criança o conhecimento não só das letras, mas principalmente de sua significação, uma vez que somente assim a mesma será capaz de compreender, interpretar e transpor, na modalidade oral, ou na escrita. Já a respeito do letramento posso afirmar que, este seja o resultado da apropriação do indivíduo de habilidades de escrita e leitura, o sujeito letrado é aquele que antes foi alfabetizado e depois passou a significar o que aprendeu a compreender na escrita. (Professora P2, atuante do 6º a 9º anos na rede particular. 09/2017)

Podemos considerar que a professora colaborada P2 tem uma concepção bem fundamentada acerca do processo de aquisição da leitura e do letramento, ou seja, a

mesma tem uma bagagem teórica satisfatória que possivelmente reflete muito positivamente em sua prática em sala de aula.

7.5 Do trabalho com leitura em sala de aula

O quinto ponto investigativo foi a seguinte pergunta: Como o professor formador do leitor deve trabalhar com práticas de leitura em sala de aula? Que Gêneros Textuais devem ser trabalhados? Como devem ser trabalhadas?

Segundo o professor P1, devemos trabalhar a questão da leitura da seguinte forma:

Incentivando e mostrando que é através da leitura que conseguimos entender melhor o mundo em que vivemos e sendo capazes de nos posicionar diante de tantos questionamentos que nossa sociedade nos impõe. Os gêneros que mais desenvolvo são: O cordel, a narração (conto), crônicas e textos dissertativos. Eles estão sendo trabalhados na forma de projeto de modo a se superar possíveis graus inferiores de aprendizagem, de interpretação, leitura e escrita que ainda persistem. (Professor P1, atuante do 6º a 9º anos na rede pública. 09/2017)

A resposta do professor P1 evidencia a fundamental importância do incentivo, para que os alunos aflorem o gosto pela leitura de cordéis, narração, crônicas e textos dissertativos. É fundamental nossa mediação no processo de leitura, apresentar aos nossos alunos os mais variados tipos e gêneros textuais; é um ponto positivo na formação do leitor.

Respondendo a esse mesmo questionamento, P2 explicitou:

É de fundamental importância que seja feito um diagnóstico na turma, pois as crianças já trazem consigo uma variedade de saberes vivenciados no cotidiano. Assim sendo, devemos trabalhar os mais variados gêneros textuais, tais como: cartas, poemas, parlendas, textos instrucionais, crônicas, artigos de opinião, contos, etc. A partir daí, será possível elaborar estratégias para desenvolver ações. (Professora P2, atuante do 6º a 9º anos na rede particular. 09/2017)

Os dois professores têm concepções de práticas de leitura em sala de aula muito semelhantes, no que tange as melhores ferramentas de trabalho a serem utilizadas. Ambos confirmam nossas considerações a respeito da imprescindível significância da utilização dos gêneros textuais no espaço escolar. Para uma melhor

fundamentação acerca dos benefícios dos mais variados gêneros, trazemos a afirmação de Marcuschi (2003 p.19) que assim afirma:

Os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do (sic) dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como a relação com inovações tecnológicas.

Em conformidade com o que defende Marcuschi, os dois sujeitos entrevistados têm um conceito elaborado do que se deve fazer em sala de aula no processo de formação do leitor, respeitando os conhecimentos prévios e o trabalho com variados gêneros textuais.

7.6 Do paralelo entre a leitura e a escrita

A sexta pergunta do questionário de pesquisa foi: E as atividades de leitura devem ser trabalhadas junto com a escrita? Que procedimentos são empregados por você em sala de aula? Para esse questionamento, P1 respondeu que:

Sim. Depois de cada atividade de leitura que proponho ao aluno, recontar e reescrever a história que ele entendeu sendo assim, aos poucos vou observando os erros frequentes e corrigindo da melhor forma de modo a não mais repetir o erro detectado. (Professor P1, atuante do 6º a 9º anos na rede pública. 09/2017)

Fundamentalmente, através da leitura formaremos também bons escritores ao propormos atividades de leitura em conjunto com a escrita. Os resultados serão satisfatórios ao utilizar dessas práticas metodológicas. A professora P2 evidenciou que:

A leitura é um instrumento de fundamental importância na vida do ser humano, e a escrita é o complemento para o desenvolvimento intelectual e social. Assim sendo, as mesmas devem possibilitar ao aluno a descoberta de uma aprendizagem significativa e devem ser trabalhadas com uma estreita harmonia. (Professora P2, atuante do 6º a 9º anos na rede particular. 09/2017)

Ambos tratam a leitura e a escrita como ferramentas imprescindíveis para a socialização do indivíduo, ou seja, como agentes condicionantes do desenvolvimento social do mesmo. A esse respeito Martins (1994) afirma que Saber ler e escrever, entre gregos e romanos, significava um bom desempenho e educação adequada para a vida, possibilitando ao cidadão integrar-se de forma efetiva à sociedade, ou melhor, fica claro que ler e escrever dão ao indivíduo a oportunidade de interação social. O ato de ler e de escrever torna o sujeito autônomo, formador de conceitos e percepções.

7.7 Das estratégias do professor na formação do leitor

A sétima e última indagação foi: Que estratégias ou que conhecimentos você acredita que um professor formador do leitor necessita apresentar para que seus objetivos sejam alcançados em sala de aula? A forma como você conduz o ensino de leitura tem sortido efeito? Enfaticamente, P1 respondeu:

Ser acima de tudo um bom exemplo de leitor, pois quando o aluno ver no professor um bom exemplo de leitor, ele se sente de certa maneira incentivado a querer ler também. Acredito que sim, embora tenha a concepção que nem toda a turma apresente interesse por completo em aprender. (Professor P1, atuante do 6º a 9º anos na rede pública. 09/2017)

O professor faz uma importante consideração, ao evidenciar que o professor precisa ser um exemplo para seu aluno se quiser que este passe a gostar de ler. Consideramos que como educadores sermos bons leitores e deixar transparecer isso para nossos alunos é algo estritamente relevante no processo que viabiliza a formação do leitor. A professora P2 para a mesma questão evidenciou:

Uma boa estratégia para que o processo de formação do leitor ocorra de maneira satisfatória é o professor, antes de mais nada, ser um leitor “nato”. Não podemos enquanto educadores sermos um mau exemplo no que diz respeito ao nosso repertório de leitura ou das nossas produções textuais. O professor que é exemplo para seu aluno, terá muito mais chances de obter êxito em seus propósitos em sala de aula. Temos que sermos conscientes que nenhuma fórmula pode fazer o mesmo efeito em todos os indivíduos, a minha metodologia em sala de aula é bem aceita pela maioria, mas ainda há muito a que se refletir e reavaliar, para que o resultado seja o mesmo com todos os meus educandos. (Professora P2, atuante do 6º a 9º anos na rede particular. 09/2017)

Observando as respostas para a sétima e última indagação, podemos perceber que os dois professores defendem a proposição de o professor ser um bom exemplo para seus alunos no que se trata do repertório de leituras. Podemos concordar que o professor leitor terá um maior número de alunos leitores se ele for espelho. Silva (2002) é bastante categórico e enfático ao afirmar que o professor, ao entrar em uma sala de aula, deve transparecer que sabe, mostrar confiança ao que está sendo dito, dominar os conteúdos de sua disciplina, a fim de orientar os meninos a leitura, mas antes disso é preciso que seja leitor.

O professor para que possa despertar o gosto pela leitura, ou por qualquer outro conhecimento em seus alunos necessita ter domínio e praticar o que prega. Formar leitores é uma tarefa não muito fácil e requer de nós educadores um perfil desafiador e ao mesmo tempo comprometido, buscar meios para melhor intermediar a formação de leitores em sala de aula, para isso é um processo constante, demorado e, principalmente, frente ao desenfreado acesso as informações rápidas pelas redes sociais disponíveis na *internet* perante a esses discentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O referido trabalho monográfico abordou as concepções encontradas no processo de formação do leitor. A partir desse estudo, pudemos tomar conhecimento sobre de que maneira a leitura é apresentada aos meninos nos anos finais do Ensino Fundamental, como é sua receptividade pelos mesmos.

Conhecer as concepções dos colaboradores nos oportunizou um novo olhar para a prática de leitura no espaço escolar. Através das falas dos sujeitos pesquisados, percebemos a importância do professor no processo de formação do leitor, principalmente, como figura de incentivo e exemplo nas práticas de leitura.

É sabido que o processo de formação do leitor não pode ser considerado como algo simples, como uma receita pronta. Há etapas a serem devidamente seguidas: diagnóstico, planejamento, metodologia e reflexão da didática utilizada, mas para sua execução é necessário um objetivo pré-estabelecido a partir de uma sondagem.

É necessário que todo professor tenha em mente a necessidade de se trazer à tona uma reflexão acerca da utilização da leitura em sala aula, que o mesmo veja a leitura como uma ferramenta fundamental para a formação do indivíduo, sendo capaz de torna-lo além de um sujeito descobridor de mundos, um sujeito autônomo e capacitado para se posicionar criticamente diante de diversas situações em sociedade (MARTINS, 2006).

Levantamos aqui algumas questões pertinentes de serem colocadas em pauta e muitos são os desafios encontrados no processo de formação do leitor. Ao conhecermos alguns dos percalços do cotidiano dos professores de Língua Portuguesa que se preocupam em formar leitores e se propõem em trabalhar com os mais variados gêneros textuais em sala de aula. Foi de grande relevância encontrar na fala de um professor pesquisado o fato de ser imprescindível que o professor reavalie suas leituras, a fim de também levar a produção de autores contemporâneos para a sala de aula, como já prever na literatura Vichessi e Krause, (2015).

A questão da formação do leitor e dos influxos negativos que impossibilitam a sua efetivação é algo que precisa ser muito discutido e aprofundado, para que se possa erradicar em nossas escolas a existências de indivíduos que se mostram desmotivados para as práticas de leitura.

Durante a pesquisa, encontramos pontos que indicam a postura do professor como sendo um dos apontadores para essa prática. De fato, ser um exemplo de leitor faz o aluno enxergar essa motivação e se encantar pelo mundo que lhe foi apontado desencadeando, posteriormente, o fato de também querer ler aquilo que lhe foi apresentado.

Em suma, pudemos constatar através desse estudo as concepções que os professores têm sobre o seu papel como intermediador da formação dos leitores, conhecer algumas estratégias de promoção de leitura e inter-relacionar a teoria vista em sala de aula com a prática apresentada pelos professores colaboradores. O referido estudo nos condicionou um novo olhar para o processo de formação do leitor e contribuiu positivamente para nossa formação acadêmica, nos incentivando a aprofundar em trabalhos futuros nossos conhecimentos acerca da temática.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria de Fátima. **Concepções e práticas de ensino de leitura**. In: ALVES, M.F. CORDEIRO, Fabíola; RIBEIRO, Roziane. Formação de Mediadores de leitura: Caderno de Teoria e Prática. Campina Grande (PB): Editora da UFCG, 2011.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 3. ed. Brasília: MEC, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares nacionais: Língua Portuguesa: primeiro e segundo ciclos** / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. – Brasília A Secretaria, 1998

BELL, J. (2004). **Como realizar um projecto de investigação** (3ª edição). Lisboa: Gradiva.

COSTA, Carla Patricia da Silva; RICARDO, Mara Janaina Cardoso e SILVA, Wigna Begna Nascimento. **Concepções críticas sobre o professor de literatura: uma perspectiva humanizadora**. Patu/RN 2017.

FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989. (Coleção Polêmicas do nosso tempo)

GOMES, Silvia Souza. **Literatura**. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/cursinho/files/2012/05/Apostila-de-Literatura-Silvia-Souza-Gomes-UFJF-2012.01.139.pdf>> Acesso em Outubro de 2017.

KATO, Mary Aizawa. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Afonso, 1999.

KILIAN, Carina e Cardoso, Rosane Maria. **Práticas de leitura literária: os casos de França e Brasil**. Santa Cruz, RS. 2012. Disponível em: <<http://www.unifra.br/eventos/sepe2012/trabalhos/5338.pdf>> Acesso em 29 de Setembro de 2017

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. / Ingedora Villaça Koch e Vanda Maria Elias. – 3. Ed., 10ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

KLEIMAN, A. B. **Leitura e Prática Social no Desenvolvimento de Competências no Ensino Médio**. In: BUZEN, C. & MENDONÇA, M. (orgs.) Português no Ensino Médio e Formação do Professor. São Paulo: Parábola, 2006. p. 23-36.

LUDKE e ANDRE, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Sao Paulo: EPU, 1986

MAGALHÃES, Cristiane de Carvalho. SILVA, Patrícia Maria da. **A importância do professor na formação do aluno leitor da educação de jovens e adultos**. Brasília, 2007

MARANHE, Elizandra André. **Uma visão sobre a aquisição da leitura e da escrita. Núcleo de Educação a Distância – UNESP / São Paulo, 2011.**

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARTINS, Ivanda. **A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor?** In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia. (Org.) Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 83-102.

MARTINS, Junior Joaquim. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso: instruções para planejar e montar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos**. 7. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção: Primeiros Passos: 74).

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso: Uma estratégia de pesquisa**. 2ª ed. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MATOS, Miriam. **Diferentes tipos de letramento**. 2011 Disponível em: <http://letramentodigitalenovastecnologias.blogspot.com.br/2011/04/aula-0804-diferentes-tipos-de.html> Acesso em Outubro de 2017.

PASSOS, Bárbara Franceli. **A importância da formação do professor leitor para o trabalho com literatura na escola**. Escola da vila. Blog da vila. Disponível em < <http://www.escoladavila.com.br/blog/?p=8797> > Acesso em 29 de Setembro de 2017.

SILVA, Ezequiel T. **Elementos de Pedagogia da Leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 2002

SILVA, Wigna Begna Nascimento. **A aquisição da linguagem**. Patu/RN. 2014.

SOARES, Magda Becker. **Análise: 'Por uma alfabetização até os 8 anos de idade'**. 2010. Disponível em < <http://www.todospelaeducacao.org.br/reportagens-tpe/12080/analise-por-uma-alfabetizacao-ate-os-8-anos-de-idade/>> Acesso em 15 de agosto de 2017.

_____. **Alfabetização e letramento**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006

_____. **O que é letramento e alfabetização** - PIBID/UNIFRA 2011. Disponível em: <<http://pibidletrasunifra.webnode.com.br/news/o%20que%20e%20letramento%20e%20alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20%20%20magda%20becker%20soares%20/>> Acesso em Outubro de 2017

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autentica. 1998

SOUZA, Renata Junqueira de e COSSON, Rildo. **Letramento Literário: uma proposta para a sala de aula**. Presidente Prudente/SP 2007.

VICHESSI, Beatriz e KRAUSE Maggi. **A leitura de sagas e best-sellers na sala de aula**. Nova Escola. Disponível em: < <https://novaescola.org.br/conteudo/2166/a-leitura-de-sagas-e-best-sellers-na-sala-de-aula>> Acesso em 18 de Agosto de 2017.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

ANEXOS



Governo do Estado do Rio Grande do Norte
 Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC.
 Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
 Campus Avançado de Patu - CAP
 DEPARTAMENTO DE LETRAS

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Caro informante,

Eu, ERILENÍ CARDOSO DE ALENCAR , aluna do 8º período do Curso de Letras, do *Campus Avançado de Patu (CAP)*, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), estou desenvolvendo a pesquisa “Os desafios encontrados no processo de formação do leitor”, para a realização de minha monografia de conclusão de curso. Sendo assim, conto com sua colaboração no preenchimento das informações solicitadas e na resposta aos questionamentos formulados.

1. INFORMAÇÕES:

Nome do informante: _____

Ano de ingresso no curso: _____

Atuação profissional:

- () professor da educação infantil
 () professor do ensino fundamental
 () professor do ensino médio
 () supervisão pedagógica
 () outra. Especifique: _____

Tempo de atuação na profissão de professor:

- () nenhum () de 01 a 05 anos () de 06 a 10 anos () acima de 10 anos.

2. QUESTIONAMENTOS:

1. Um dos desafios do professor de Língua Portuguesa é desenvolver o hábito de leitura. Seus alunos gostam de ler?

() Sim

() Não

Se você assinalou não, a que você atribui o fato de os alunos não gostarem de ler?

2. Para você, o que é literatura?

3. Qual seria a sua avaliação acerca do repertório de leitura de seus alunos?

4. Como você compreende o processo de aquisição da leitura? Qual a sua concepção sobre letramento?

5. Como o professor formador do leitor deve trabalhar com práticas de leitura em sala de aula? Que Gêneros Textuais devem ser trabalhados? Como devem ser trabalhadas?

6. E as atividades de leitura devem ser trabalhadas junto com a escrita? Que procedimentos são empregados por você em sala de aula?

7. Para concluir, que estratégias ou que conhecimentos você acredita que um professor formador do leitor necessita apresentar para que seus objetivos sejam alcançados em sala de aula? A forma como você conduz o ensino de leitura tem sortido efeito?